

Taxa de juro continuará em queda, diz Malan

L C Leite/AE

Segundo o ministro da Fazenda, intensidade da redução depende de avaliação do Copom

RITA TAVARES e
TATIANA BAUTZER

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem, no seminário Os Rumos da Economia Brasileira, em São Paulo, que a taxa de juros pode e deve baixar, mas a intensidade depende de avaliação do Comitê de Política Monetária (Copom).

“Quero lembrar que a taxa é a mais baixa dos últimos tempos, mas podemos fazer melhor”, disse, sem fazer previsões exatas sobre o limite de queda e afirmando que a “trajetória é declinante”. Amanhã, o Banco Central (BC) fará sua reunião do Copom para decidir sobre a taxa Selic, hoje em 19,5%.

O BC deverá concluir até o fim de outubro o estudo para reduzir os juros ao consumidor, disse ontem o secretário de Política Econômica, Edward Amadeo, que esteve no mesmo seminário. Para ele, as medidas anunciadas pelo BC envolverão aspectos legais que vão permitir a recuperação mais rápida de créditos ruins dos bancos. Amadeo ressaltou que o crédito barato é uma alavanca importante do crescimento econômico.

O ministro do Desenvolvimento, Clóvis Carvalho, disse que a redução da diferença en-



Pedro Malan: “Taxa está baixa, mas podemos fazer melhor”

tre os juros básicos e as taxas ao consumidor será feita “o mais rápido possível, de modo prudente”. Carvalho não fez previsões sobre a reunião do Copom.

A expectativa é que a redução dos juros para o consumidor leve à retomada do crédito e ajude a impulsionar a recuperação da economia no segundo semestre, disse o ex-secretário de Política Econômica José Roberto Mendonça de Barros.

Ele traçou um cenário otimista para a economia no próximo ano, prevendo principalmente a recuperação dos preços internacionais das commodities, o que levaria a uma melhora no desempenho da balança comercial. Os preços de commodities

agrícolas exportadas pelo Brasil caíram 40% nos últimos 18 meses.

FMI – O ministro da Fazenda previu o cumprimento das metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para o terceiro e quarto trimestres e crescimento de “pelo menos” 4% do PIB no ano 2000. O ministro prevê inflação em queda, o que permitirá cumprir as metas de inflação de 8% neste ano, 6% no próximo e 4% em 2001.

Malan negou ainda que o pre-

visto lançamento de Bônus da República em euros ocorra num momento ruim do mercado, afirmando que, se o BC decidiu lançar os títulos agora, é porque identificou uma boa oportunidade. Segundo ele, a função da emissão é fornecer um referencial ao mercado e não financiar déficits em conta corrente.

Argentina – É crescente a preocupação com a instabilidade que pode ser provocada pelas eleições na Argentina. Malan acredita que a economia brasileira será testada pelas incertezas em torno das eleições na Argentina.

Para Mendonça de Barros, as eleições argentinas devem criar volatilidade para o Brasil nos próximos meses, embora o cenário, de forma geral, seja positivo

para a economia do País. “Acho difícil a recuperação de competitividade argentina”, disse.

Para o ex-ministro, com a desvalorização do real, a Argentina teria de reduzir seus custos em

15% a 20% por meio da deflação (se não quiser mudar o câmbio) e isso parece difícil de ser feito rapidamente. O PIB argentino deve recuar 3% neste ano e a taxa de desemprego já está em 15%, ressaltou.

ELEIÇÃO NA
ARGENTINA
PREOCUPA
AINDA MAIS

■ Colaborou Denise Ramiro, da AE